

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

MÔNICA TOSTES RIOS

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS NOVAS GERAÇÕES E O ABANDONO DO AFETO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).

Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

JUIZ DE FORA- MG

2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, MÔNICA TOSTES RIOS, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202372097A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS NOVAS GERAÇÕES E O ABANDONO DO AFETO, desenvolvido durante o período de 16 de Março de 2026 a 10 de Julho de 2026 sob a orientação de RAPHAEL BISPO DOS SANTOS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 13 de Julho de 2026.

MÔNICA TOSTES RIOS

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS NOVAS GERAÇÕES E O ABANDONO DO AFETO

Mônica Tostes Rios¹

RESUMO

O presente trabalho propõe investigar a influência das redes sociais digitais na constituição das subjetividades das novas gerações, com foco nos impactos psicossociais relacionados ao enfraquecimento dos vínculos afetivos e ao *abandono do afeto* na contemporaneidade. Parte-se da compreensão de que as redes sociais, estruturadas pela lógica da visibilidade, do desempenho e da validação constante, reconfiguram as formas de interação social, reconhecimento e construção do eu. Nesse contexto, observa-se o surgimento de relações cada vez mais mediadas por telas, marcadas pela superficialidade, pela descartabilidade e pela dificuldade de sustentar vínculos duradouros. A pesquisa será desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, articulando autores da sociologia, da filosofia e da psicologia social, a fim de compreender como as dinâmicas digitais impactam as dinâmicas afetivas das novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais. Afeto. Juventude. Subjetividade. Contemporaneidade.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. AFETO, AMOR E AS MUDANÇAS RELACIONAIS NA MODERNIDADE.....	9
2.1 A transformação da intimidade.....	9
2.2 A fragilidade dos vínculos na contemporaneidade.....	11
3.3 O amor na lógica do capitalismo.....	12
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

1. INTRODUÇÃO

É notável como a transformação tecnológica ocorrida nas últimas décadas modificou as formas de relacionamento, intensificando a comunicação, e levando as novas gerações a construir suas relações afetivas em ambientes digitais marcados pela necessidade de visibilidade, instantaneidade e constante mediação tecnológica. De antemão, é importante compreender que a noção de *afeto* compreendida neste trabalho está atrelada à disposição e capacidade de um indivíduo frente à alteridade, ou seja, ao encontro com o que é diferente de si. O afeto enquanto fenômeno relacional, compreendido como vínculo, acaba sofrendo fortes transformações com a expansão da internet, bem como a popularização das redes sociais e dos aplicativos de relacionamento online, onde a digitalização dos vínculos provoca uma mudança significativa nos modos de conhecer alguém, estabelecer relações e/ou atribuir sentido ao que seria a experiência amorosa.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, o termo *afeto* não será utilizado como um sinônimo exclusivo de amor romântico, tampouco como referência a alguma emoção isolada. Parte-se de uma compreensão mais ampla de que os afetos são representações das formas pelas quais os indivíduos reconhecem a presença do outro, estabelecem vínculos e constroem suas experiências compartilhadas de reciprocidade, cuidado e pertencimento. Desse modo, o amor constitui aqui uma das expressões possíveis para a construção afetiva, mas não a esgota. A compreensão adotada neste trabalho aproxima-se da concepção de socição desenvolvida por Georg Simmel (2006), para quem a sociedade não existe no mundo independente de seus indivíduos, mas é constituída e continuamente produzida através das formas de interação que eles conseguem produzir entre si. É através dessas relações de reciprocidade, nas quais expectativas, sentimentos e reconhecimento são compartilhados e negociados, que os afetos ganham significado social, ou seja, são compreendidos como formas específicas de socição. Assim, embora esta pesquisa tenha como foco principal as relações afetivas amorosas, elas são compreendidas como uma modalidade característica das relações afetivas, inseridas em processos mais amplos da sociabilidade humana.

Em *Vita Contemplativa: Ou sobre a inatividade* (2023), Byung-Chul Han contribui sobre a concepção de digitalização:

A atual informatização e digitalização do mundo levam a profanação ao extremo. Tudo toma a forma de dados e se torna calculável. Informações não são narrativas, mas aditivas. Elas não se condensam em uma narrativa, em um romance. [...] O calcular é diametralmente oposto ao narrar. (HAN, 2023, p. 169)

Redes sociais não somente ampliam as possibilidades de conexão entre os indivíduos de uma sociedade ou lugar, mas reconfiguram as formas de interação, de reconhecimento e construção de identidades. As novas gerações já cresceram inseridas no contexto digital e em espaços onde a tecnologia ocupa um papel central da vida social. Plataformas como o Instagram, TikTok, X (antigo Twitter) e outros aplicativos de interação

social como Tinder, Grindr e outros, passaram a fazer parte do cotidiano de milhões de indivíduos, gerando aproximação constante e uma promessa de vínculos infinitos.

Porém, com a exposição contínua e desmedida da vida privada, atrelada à busca incessante pela validação do outro e à lógica de desempenho neoliberal, a maneira como o *afeto* é vivenciado pelas novas gerações é completamente influenciada por esses marcadores, uma vez que os ambientes digitais apresentam lógicas muito específicas de comparação e escolha, eficiência e funcionalidade, sempre variando a forma como indivíduos se percebem e percebem o outro. Sob a ótica de consumo e autorrealização, “[...] consumimo-nos até a morte. Consumo e identidade se tornam a mesma coisa. A identidade é ela própria uma mercadoria.” (HAN, 2022, p.19).

Nesse sentido, é emergencial o debate sobre as transformações nas relações afetivas, partindo de uma investigação sobre os impactos associados ao *abandono do afeto*, ou seja, compreender como o amor e o cuidado se transformam em tarefas de desempenho. O aumento da tecnologia e seu intermédio nas formas de se relacionar está frequentemente associado à grande possibilidade de escolhas dos sujeitos, à valorização cada vez mais impositiva da autonomia individual e à flexibilização dos vínculos criados pelos indivíduos nos ambientes digitais. Além disso, é relevante considerar que a engrenagem capitalista funciona melhor com emoções rápidas e fugazes, se beneficiando do imediatismo dos afetos para lucrar, viralizar e explorar as emoções. Na mesma perspectiva, associado ao aumento de sentimentos como solidão, ansiedade e à própria dificuldade de estabelecer vínculos entre os mais jovens, observa-se justamente o enfraquecimento de vínculos afetivos, marcado pela crescente constante de relações mais “fluidas”, mais superficiais. Atualmente temos a expressão “*dating app fatigue*”, utilizada para descrever o cansaço que é gerado pelo uso contínuo de redes sociais de relacionamento, onde as tensões das experiências afetivas ficam ainda mais evidentes.

Buscando compreender como as redes sociais influenciam e impactam as relações e quais são as transformações nas relações afetivas das novas gerações, faz-se necessária cautela para analisar quais são os indicadores do esmaecimento do afeto e do amor e como isso é representado historicamente nas formas de vivenciar a intimidade e as relações no geral. O processo de individualização, valorização da autonomia e a sensação (muitas vezes imaginada ou idealizada) de infinitas possibilidades de escolha têm redefinido as expectativas sobre o amor e os relacionamentos na contemporaneidade. É possível observar que, especialmente para as mulheres, o amor deixa de ocupar um lugar central e que lhe foi atribuído historicamente pelo patriarcado, coexistindo com os demais projetos de vida, como à formação profissional, independência e liberdade econômica e desenvolvimento pessoal.

É, portanto, diante de tantas transformações que se torna relevante investigar e compreender de que forma as tecnologias e redes sociais estão participando da organização e, mais importante, reorganização dos vínculos amorosos contemporâneos. Assim, a questão que orienta esta pesquisa é pensada da seguinte maneira: de que forma as mudanças decorrentes das influências das mídias e tecnologias digitais contribuem para uma reconfiguração das expectativas em torno do afeto e, de forma mais particular, do amor e da intimidade, modificando a construção dos vínculos afetivos e dos relacionamentos?

Partindo dessa pergunta, espera-se poder analisar como as mudanças nas configurações sociais, consequentes dos avanços tecnológicos digitais, estão influenciando as formas de construção dos vínculos afetivos, compreendendo quais são os impactos desses processos sobre as experiências amorosas e as expectativas relacionadas à própria intimidade. Para isso, é necessário compreender quais são as mudanças nas concepções de amor, afeto, compromisso e relacionamento que movem e caracterizam a sociedade contemporânea e como isso contribui para as configurações da vida afetiva.

Redes sociais passaram a ocupar um lugar central na vida cotidiana das novas gerações. Se antes os vínculos eram construídos com tempo, em espaços de convivência majoritariamente presenciais, hoje em dia eles estão cada vez mais deslocados desses ambientes e menos dependentes de disponibilidade física ou temporal. Mediados pelas plataformas digitais, que possibilitam a ampliação de escolhas, assim como início e término mais rápidos dessas interações, os vínculos criados passam, antes, por inúmeras formas de exposição, comparação e escolha. Buscando responder a questão de como o engajamento crescente nas redes sociais impacta as relações e move as transformações na intimidade e no amor moderno, interessa a este trabalho compreender também o seguinte: mais do que afirmar que o afeto está sendo abandonado e desaparecendo a partir das dinâmicas digitais, como as expectativas sobre os modos de se vincular ao outro estão sendo reconfiguradas? Qual é o lugar que o amor ocupa, então, na construção dos vínculos afetivos na vida contemporânea?

Em uma realidade onde a sociedade se torna cada vez mais narcísica e centrada no melhoramento individual, a expressiva presença das redes sociais na vida cotidiana, especialmente na dos jovens, faz desta investigação uma urgência frente aos impactos que essas formas de relacionamento estão causando nas relações humanas. A construção da identidade, a forma de interação social e a *vivência* do afeto passam a ocorrer, em grande medida, em ambientes digitais, o que levanta questionamentos sobre a qualidade e a profundidade dos vínculos estabelecidos. Em *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (2022), Han comenta sobre a identidade: “Narrativas promovem sentido e identidade. Desse modo, a crise narrativa leva ao vazio do sentido, à crise de identidade e à falta de orientação” (HAN, 2022, p. 98). O amor e o afeto estão relacionados com a alteridade, ou seja, a capacidade de ver e reconhecer o outro. Uma vez que a cultura passa a obrigar as pessoas a olharem somente para si mesmas, os afetos perdem espaço e o amor se torna inviável.

As *vivências* sociais e interativas que as redes sociais proporcionam não são suficientes para formar *experiências* no sujeito que quer se relacionar com um outro; as experiências capazes de sustentar a construção de relações significativas, o que implica repensar também a respeito da permanência e da dimensão dos vínculos estabelecidos nesse contexto. Marcadas pela rapidez e celeridade, ainda que a promessa seja de eficácia na comunicação e no contato com o outro, as plataformas funcionam também como fontes de validação e comparação. O uso deliberado das redes sociais sejam elas plataformas de relacionamentos, aplicativos de compartilhamento de imagens e vídeos ou até mesmo as ferramentas de inteligência artificial, produz um novo conjunto referencial de expectativas aos sujeitos, muitas vezes entregando a sensação que ali se encontram as respostas prontas para diversas áreas da vida, necessidades individuais (como terapia e aconselhamento) e para as questões das experiências afetivas:

Se tudo é rapidamente disponibilizável e consumível, não se forma nenhuma atenção profunda, contemplativa. Perde-se, assim, qualquer *ponto de referência sobressaliente*² no qual nos podemos demorar. Tudo é aplainado e submetido a necessidades de curto prazo. (HAN, 2023, p. 71)

Percebe-se o perigo de ser e estar dependente do uso de aparelhos eletrônicos e das redes sociais para que as relações estabelecidas estejam de acordo com a expectativa de cada um, ou seja, uma *positividade* em relação ao que se *deve desempenhar* frente ao outro. Em um cenário onde o amor ocorre de acordo com um checklist, oscilando entre escolher constantemente qual filtro fica melhor para cada foto, ou qual é a exigência do outro, ou ainda quais são as expectativas sobre como se deve agir, sentir e se relacionar, é obscuro o aumento de problemas relacionados à saúde mental dos indivíduos, como a solidão, a ansiedade, o burnout e dificuldades de socialização. Esse processo implica os indivíduos à constante necessidade de buscar experiências positivas e idealizadas, fugindo da vulnerabilidade a qualquer custo. Relações afetivas desempenham um papel crucial de bem-estar nos relacionamentos dos indivíduos, portanto, sua fragilização gera consequências um tanto quanto significativas no âmbito individual e também coletivo.

Para o campo acadêmico, esta pesquisa deseja contribuir para a compreensão de um fenômeno contemporâneo a partir de uma abordagem qualitativa, desenvolvida através de revisão bibliográfica. A escolha do percurso metodológico parte da compreensão de que as transformações nas relações afetivas na contemporaneidade constituem um fenômeno social mais complexo do que parece, cujo entendimento exige um diálogo com autores que percebem e analisam diferentes dimensões da modernidade. Assim, o presente trabalho se estrutura a partir das considerações e contribuições de Anthony Giddens, Zygmunt Bauman e Eva Illouz, dentre outros autores, cujas obras abordam perspectivas complementares sobre as maneiras de interpretar as mudanças nas formas de amar, construir intimidade e estabelecer os vínculos nas sociedades atuais.

Buscando articular a reflexão de cada autor em torno do problema de pesquisa, a escolha de cada um desses autores não acontece de maneira aleatória. Giddens permite uma compreensão a respeito da transformação histórica da intimidade e o surgimento de relações mais baseadas na autonomia individual, na escolha e na negociação. Bauman, por sua vez, amplia o horizonte dessa discussão ao analisar como a evolução da modernidade projeta e possibilita vínculos mais frágeis e fugazes, marcados por instabilidades, tensão permanente entre o desejo de proximidade entre os indivíduos e o receio do compromisso. Illouz amarra a análise a respeito dessa discussão demonstrando que estas transformações são marcadas também por dinâmicas do capitalismo contemporâneo, que atuam na reorganização da experiência amorosa segundo a lógica de racionalização, desempenho, eficácia e consumo. O diálogo entre os três autores possibilita compreender que as redes sociais e as mídias digitais não inauguram uma nova forma de amar, mas, ao contrário, intensificam os processos históricos já em curso, desnudando as mudanças nas expectativas, nas práticas e nos significados atribuídos às relações afetivas.

² Destaque de B. Han.

Dessa forma, este trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica para evidenciar que as transformações afetivas não devem e não podem ser explicadas por um único autor ou abordagem, mas através de uma articulação entre diferentes perspectivas das teorias sociais. Optar por Anthony Giddens, Zygmunt Bauman e Eva Illouz se justifica pelo fato de que as obras permitem analisar sob diversos enfoques as mudanças e a fragilidade dos vínculos criados ao longo do tempo até os dias atuais. Embora cada um dos autores aborde dimensões diferentes desse processo, as interpretações convergem ao evidenciar que as experiências amorosas são historicamente construídas e atravessadas pelas transformações sociais, econômicas e culturais.

Partindo desse referencial, o desenvolvimento do trabalho está organizado em torno de três perspectivas teóricas, procurando entender de que forma as redes sociais intensificam processos já presentes na sociedade moderna e contemporânea. Portanto, mais do que atribuir às plataformas digitais a origem da suposta “crise do amor”, esta pesquisa busca analisá-las como lugares privilegiados para a observação da reconfiguração histórica dos afetos, bem como da intimidade e das expectativas que orientam as construções dos vínculos nas novas gerações.

2. AFETO, AMOR E AS MUDANÇAS RELACIONAIS NA MODERNIDADE

2.1 A transformação da intimidade

Em sua obra *As transformações da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (1993), a partir de uma análise social em uma época marcada por muitas mudanças no campo da saúde, do trabalho, da economia, da cultura e, claramente, das relações humanas, Anthony Giddens oferece uma visão de como a modernidade promove uma mudança profunda nas formas de intimidade e nas relações afetivas. Giddens argumenta que as transformações observadas nas relações afetivas fazem parte de um processo mais amplo de mudanças sociais, subjetivas e culturais, e alteram profundamente a forma como os indivíduos constroem seus vínculos, experimentam o amor e organizam suas vidas íntimas.

A concepção de intimidade em Giddens está longe de ser compreendida como uma dimensão imutável e natural da vida humana, pois se constitui como construção histórica e que adquire centralidade com o desenvolvimento da própria modernidade. Experiências ligadas à sexualidade e aos relacionamentos amorosos passam a ser orientadas e marcadas pela subjetividade e pela autonomia dos indivíduos à medida que ocorre a separação cada vez mais evidente entre a esfera pública e a privada. Como espaço privilegiado de construção identitária, de expressão dos afetos e do exercício de livre arbítrio para escolhas dos indivíduos, a intimidade possibilita que essas relações amorosas deixem de responder somente ao que está no campo das expectativas sociais e sejam construídas e baseadas em negociações passíveis de reinterpretação pelos próprios indivíduos.

Essa transformação da intimidade modifica também a forma como o amor é compreendido na modernidade. Giddens elabora a distinção entre o que chamou de amor-paixão e amor romântico evidenciando que ambos podem corresponder às formas diferentes de organização das relações afetivas. O autor caracteriza o amor-paixão pela intensidade emocional projetada, pelo desejo arrebatador e pelo rompimento momentâneo

com a rotina cotidiana, marcado por imprevisibilidade e entrega, ou seja, nem sempre associado à estabilidade. No amor romântico percebe-se muito mais intensidade afetiva e projetos de vida compartilhados, associando a ideia de amor ao casamento e à formação familiar para uma construção de uma narrativa entre os sujeitos envolvidos. Segundo o autor, o amor romântico possibilita o encontro de sentido entre cada história particular de cada um dos indivíduos, o que produz o que o autor associa à relação de construção de um projeto de vida em comum, aproximando o vínculo amoroso através do compartilhamento de expectativas, experiências e trajetória conjunta.

Ocorre que na modernidade há uma ruptura gradual dos modelos de amor, estruturado pelas normas rígidas e convenções sociais tradicionais atreladas ao matrimônio, obrigações familiares e normas religiosas, possibilitando os indivíduos a exercer escolhas individuais e negociações à medida que conquistam mais autonomia para definir projetos de vida de acordo com o ideal de satisfação pessoal e emocional. Para o autor, o amor deixa de ser apenas uma instituição social e ocupa um lugar de experiência reflexiva, ou seja, constantemente avaliado pela negociação entre os indivíduos. Giddens nomeou este modelo de *relacionamento puro*, compreendido como uma relação sustentada pela comunicação e que, segundo o autor, “[...] só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecer” (GIDDENS, 1993, p. 69). Neste modelo de relacionamento, diferente dos modelos tradicionais, a continuidade não é garantida apenas por fatores externos, mas pela qualidade da experiência dos indivíduos envolvidos.

Contrário ao ideal de amor romântico, Giddens aponta que essa mudança está relacionada ao que o autor chamou de *amor confluyente*. Baseado na ideia de completude e permanência, o amor confluyente necessita reciprocidade e abertura para negociação, pois as relações não dependem de papéis sociais previamente estabelecidos, mas das capacidades dos sujeitos de dialogarem sobre suas necessidades, desejos e expectativas.

Dessa forma, a intimidade passa a ser uma prática reflexiva, onde os indivíduos são constantemente impelidos a pensar sobre as relações questionando os seus sentimentos e avaliando se os vínculos estabelecidos continuam correspondendo aos projetos de vida individuais. Além disso, a construção de identidade na modernidade está intimamente ligada a esse processo de reflexão contínua, fazendo com que os relacionamentos e as dinâmicas amorosas se transformem em lugares privilegiados de desenvolvimento e autoconhecimento. Um aspecto importante da análise de Giddens diz respeito à questão da ampliação da autonomia individual, principalmente para as mulheres, com as transformações na sociedade moderna. Muitas mudanças ocorridas no século XX permitiram uma redefinição das formas de relacionamento de gênero e nas expectativas em torno do matrimônio e da vida afetiva.

É inegável que as redes sociais e as mídias digitais intensificam o processo de ampliação das possibilidades de escolha e formas de interação entre os indivíduos, portanto, a constante exposição a novas pessoas, estilos de vida, e experiências de mundo reforcem a lógica reflexiva proposta pelo autor, uma vez que esses indivíduos são constantemente convidados a avaliar e reavaliar as relações construídas e reconsiderar suas decisões no campo afetivo. As plataformas digitais não são responsáveis por criar tais transformações,

mas, sem dúvida, potencializam as características já presentes na modernidade, como a valorização da satisfação pessoal, da autonomia e da liberdade individual entre os sujeitos. “As avaliações recíprocas, por exemplo, que hoje são praticadas em toda parte, destroem a relação humana ao submetê-la à comercialização total” (HAN, 2022, p. 97).

Giddens afirma que a transformação da intimidade está diretamente ligada à democratização do domínio interpessoal e à crescente centralidade da escolha individual na vida cotidiana (GIDDENS, 1993, p. 11), porém, essa mesma liberdade que possibilita ampliar a construção dos vínculos, também é responsável por produzir instabilidade e incerteza, o que contribui para o surgimento de relações com mais negociação, mais flexibilização e, conseqüentemente, menos duradouras entre os lados. A partir da contribuição de Giddens, compreende-se que as mudanças ocorridas nas relações afetivas do século XX até aqui não representam necessariamente uma perda da capacidade de amar ou mesmo de estabelecer os vínculos de afeto, intimidade e amor, mas uma reconfiguração histórica das formas de intimidade.

2.2 A fragilidade dos vínculos na contemporaneidade

Buscando aprofundar essa discussão e compreender melhor como as novas gerações se relacionam afetivamente na contemporaneidade, Zygmunt Bauman apresenta uma perspectiva que complementa e, de certa forma, tensiona as reflexões sugeridas por Giddens sobre a intimidade. Em *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), agora em um período já bastante diferente e marcado por diversas mudanças sociais, trabalhistas e relacionais, Bauman propõe que os relacionamentos são atravessados pelo que ele caracterizou como modernidade líquida, profundamente marcada pela instabilidade, mudanças rápidas e dificuldades em manter construções duradouras de relacionamentos, refletindo a lógica de uma sociedade em que nada é feito para permanecer. Bauman oferece uma visão onde a contemporaneidade habita um lugar de contradição permanente: os indivíduos até desejam a proximidade, o amor e o pertencimento junto a outro, mas, ao mesmo tempo, temem o compromisso e as responsabilidades afetivas que implicam uma relação afetiva-amorosa duradoura. É notória a busca por segurança afetiva, mas o receio de perder a liberdade individual acaba produzindo sujeito com tensões constantes, oscilando entre o desejo de conexão, o medo de se prender e a frustração de que o vínculo acabe.

O medo do compromisso e a busca por segurança dos indivíduos acabam levando a um caminho nítido: o de conexões mais “leves” e menos exigentes. Para o autor, a insegurança ganha papel central nos relacionamentos modernos: “A solidão produz insegurança - mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá a ansiedade” (BAUMAN, 2004, p. 30). Essa passagem evidencia algumas das principais contradições observadas pelo autor na era contemporânea: por um lado, os sujeitos buscam estabelecer relações que contenham acolhimento, pertencimento e estabilidade emocional, por outro, temem as limitações que esses vínculos poderiam impor à sua individualidade e autonomia. “No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos

talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência.” (BAUMAN, 2004, p. 8).

Ao mesmo passo em que se deseja a proximidade, a mínima possibilidade de dependência emocional ou vulnerabilidade frente ao outro e/ou com o outro gera, consequentemente, o receio frente ao compromisso. Os vínculos afetivos, portanto, passam a refletir cada vez mais as características da organização social contemporânea. A esse respeito, atualmente os empregos, estilos de vida e projetos pessoais tornaram-se mais flexíveis, dessa forma, os vínculos afetivos-amorosos passaram a ser mais instáveis e as relações a começaram a ser atravessadas pela lógica de transitoriedade.

Bauman pontua acerca dessa característica da modernidade líquida ao observar: “Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante” (BAUMAN, 2004, p. 65). Frequentemente avaliados pela lógica de satisfação imediata que podem proporcionar, os vínculos da modernidade líquida podem limitar a liberdade de escolha dos sujeitos envolvidos e a busca por novas possibilidades ocupa lugar importante nessa reflexão. Em uma sociedade marcada pela incessante busca por opções e valorização da escolha individual, manter um vínculo exige abrir mão de outras possibilidades e, é justamente, nesse ponto que os sujeitos habitam o lugar de incerteza e são levados a questionar continuamente se fizeram boas escolhas. “Ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se de que possivelmente estarão fechando a porta para outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas” (BAUMAN, 2004, p.10). Como consequência, os relacionamentos tornam-se vulneráveis a qualquer insatisfação e à ruptura.

Embora Bauman tenha escrito essa obra em um contexto anterior à consolidação das tecnologias de comunicação e das redes sociais digitais como as conhecemos hoje em dia, as observações e análises do autor nos auxiliam na compreensão dos fenômenos contemporâneos a respeito das formas de interação digital.

Para além, a contribuição de Bauman sobre a concepção de amor é especialmente delicada, pois chama a atenção para a transformação do próprio significado desse fenômeno dentro dos laços afetivos. Em uma passagem da obra, o autor afirma: “Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível” (BAUMAN, 2004, p. 21). Portanto, amar implica dedicar-se às incertezas e vulnerabilidade, aceitando que há situações e coisas que não podem ser completamente controladas. Em uma sociedade onde as possibilidades são pontuadas pela previsibilidade, gestão de riscos e o controle excessivo acabam-se criando o conflito entre a natureza do que é imprevisível no amor e o constante desejo de segurança que orienta as escolhas modernas.

5.3 O amor na lógica do capitalismo

Se Giddens elabora a ampliação da escolha e Bauman evidencia os efeitos dessa liberdade individual sobre a construção dos vínculos afetivos, Eva Illouz ilustra e explica como o capitalismo transforma a vontade e a liberdade em produtos de um mercado afetivo organizado criteriosamente por critérios de seleção, desempenho e consumo. Na mesma linha de pensamento, Byung-Chul Han pontua sobre a facilidade de

conexão digital e sobre o ato de transformar o outro em um “*Tu, um Isso disponível*”: “Um objeto consumível que satisfaz nossas carências não possibilita nenhum vínculo intenso. Assim, apesar da crescente conexão e conectividade, estamos mais solitários do que nunca.” (HAN, 2023, p. 94).

Mais próxima das mudanças sociais consequentes da evolução das redes sociais e das plataformas digitais, a análise de Illouz sobre o papel do capitalismo nas transformações das relações afetivas vai muito além da perspectiva de processos de individualização, autonomia e instabilidade. Illouz propõe em *O amor nos tempos do capitalismo* (2011) a compreensão de que o amor passa a ser influenciado por lógicas mercadológicas e estruturado pelo funcionamento capitalista na construção dos afetos. Com as relações cada vez mais racionalizadas, as emoções deixam de ocupar a esfera privada e passam a ser intimamente influenciadas por dinâmicas econômicas, culturais e institucionais. A análise parte do pressuposto de que o amor não é uma experiência individual ou natural, e sim uma construção social que é amplamente moldada por valores e estruturas de cada lugar e época.

No início da obra, a autora chama a atenção para o fato de que a própria sociologia da modernidade esteve atravessada por muitas questões relacionadas aos afetos, mesmo sem tratá-las diretamente. Conforme afirma Illouz, “[...] as descrições sociológicas canônicas da modernidade contêm, se não uma teoria completa dos afetos, pelo menos numerosas referências a eles: angústia, amor, rivalidade, indiferença, culpa, há tudo isso na maioria dos relatos históricos e sociológicos das rupturas que levaram à era moderna” (ILLOUZ, 2011, p. 6). A importância dessa observação se dá pelo fato de reforçar a compreensão de que as mudanças do amor acompanham as mudanças culturais, econômicas e sociais que são próprias de cada contexto histórico.

Nessa lógica, um dos fenômenos relacionais da contemporaneidade mais abordado na sociedade é a racionalização da vida afetiva. Se, antes, o amor romântico estava associado à espontaneidade, ao acaso e à ideia do inesperado, nas formas contemporâneas de relacionamento, o amor tradicional passa a ser reorganizado por mecanismos de cálculo, comparação e avaliação racional dos parceiros. Indivíduos se encontram sendo incentivados repetidamente a avaliar o potencial de possíveis parceiros, ponderando vantagens e desvantagens para a tomada de decisões mais assertivas em relação à construção de seus vínculos afetivos-amorosos.

Este processo torna-se especialmente visível nos ambientes digitais, sobretudo nos aplicativos de relacionamento, onde as experiências afetivas-amorosas são transformadas significativamente. Sobre isso, pontua a autora: “a internet exige uma forma racionalizada de escolha do parceiro, o que contradiz a ideia do amor como uma revelação inesperada, que irrompe na vida da pessoa contra a sua vontade e razão.” (ILLOUZ, 2011, p. 55). Sobre essa racionalização, Han pondera:

A racionalidade discursiva é ameaçada, hoje, também pela comunicação afetiva. A gente se deixa afetar demais por informações que se seguem apressadas umas às outras. Afetos são mais rápidos que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem

os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular. (HAN, 2022, p. 37)

Diferentemente de uma narrativa construída pelo ideal romântico, segundo a qual o amor emerge justamente de maneiras espontâneas, imprevisíveis e singulares, os ambientes digitais investem em processos de seleção elaborados através de critérios previamente definidos. Os usuários passam a avaliar, comparar e classificar potenciais parceiros de acordo com as informações fornecidas pelos perfis, transformando a busca por relacionamentos nesse processo racionalizado de filtros, compatibilidade e seleção:

O ser humano é um *animal narrans*, um *animal narrador*. A nossa vida, porém, está sendo determinada por qualquer narrativa vinculante, significativa, que pudesse nos dar sentido e orientação. [...] A verdade é uma narrativa. Informações, em contrapartida, são aditivas. Elas não se condensam em uma narrativa. Elas fortalecem a *tempestade digital de contingência* e acentuam a falta de ser. Nada promete compromisso e duração. A contingência exacerbada desestabiliza a vida.³ (HAN, 2023)

De acordo com Illouz, as relações contemporâneas operam cada vez mais sob a ótica de mercado onde os indivíduos se apresentam e avaliam os outros como possíveis escolhas em um campo aparentemente ilimitado de opções. Illouz afirma que o web namoro introduziu no campo dos relacionamentos “os princípios de consumo de massa, baseados numa economia de abundância, escolha infinita, eficiência, racionalização, orientação para alvos seletivos e padronização” (ILLOUZ, 2011, p. 55). A consequência disso é a ampliação de possibilidades de escolha, que não produz maior satisfação afetiva, mas, ao contrário, gera mais insegurança, indecisão e dificuldades na construção de vínculos afetivos permanentes.

Para além, a construção da identidade dos relacionamentos passa a ser constantemente atravessada pela exposição, pela comparação e pela busca por reconhecimento. Além de reorganizar os modos de encontros e seleção de vínculos entre os indivíduos, o capitalismo contemporâneo opera também nas transformações das próprias emoções em recursos socialmente valiosos. Comunicação, empatia, inteligência emocional e capacidade de gestão de sentimentos são competências constantemente observadas (e aperfeiçoadas) pelos indivíduos das novas gerações, aproximando a vida afetiva de uma lógica de desempenho:

[...] Todos *se produzem*. [...] Hoje, impõem-se em todo lugar a forma de vida consumista, na qual toda necessidade deve ser satisfeita *imediatamente*. Não temos mais *paciência para a espera*, na qual algo pode lentamente *amadurecer*.⁴ (HAN, 2023).

³ *Ibid.* p. 90. Destaque de B. Han.

⁴ *Ibid.* p. 26. Destaque de B. Han.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor é uma relação social. Sobre isso não há dúvida. É na limitação do encontro com o outro que se descobrem as barreiras para a experiência e, por consequência, o afeto. A partir disso, faz-se necessário indagar sobre como pensamos e percebemos as tecnologias, como entendemos essas novas possibilidades de relacionamento, quem são os responsáveis pela programação dessas tecnologias como modelos de linguagem e como pensam as formas de utilização dessas tecnologias e plataformas. Além disso, é importante se atentar ao modo como percebemos nas últimas décadas a adoção das formas de tecnologia de comunicação e como isso se reflete em terceirização do pensamento.

Aplicativos de relacionamentos, em sua essência, são aplicativos de conexão. As redes sociais carregam a promessa de que ali se encontrará o amor ideal, entregue sob a demanda de cada um e com a embalagem de um encontro perfeito. A diferença entre relação e conexão se dá pela falta de vínculo; o que existe é somente a imagem que se consome do outro e de si mesmo, pois a elaboração conjunta está ausente.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que, embora partam de perspectivas teóricas diferentes, os três autores visitados oferecem interpretações distintas, mas complementares, sobre as transformações nas relações afetivas na contemporaneidade. A compreensão de que o amor e a intimidade não constituem experiências inatas e imutáveis na vida humana são compartilhada por Giddens, Bauman e Illouz, ao passo que se constroem enquanto fenômenos historicamente produzidos e são continuamente organizados pelas constantes mudanças sociais na cultura ou economia de cada época.

Em suas análises, entretanto, algumas ideias se distinguem quanto ao foco de cada uma das transformações sociais que se seguem e seus desdobramentos. Giddens adota uma abordagem mais ampla frente às possibilidades da modernidade, compreendendo assim que a ampliação da autonomia individual permite a construção de relações mais baseadas na reflexão dos indivíduos e mais fundamentadas na reciprocidade. Bauman segue sua análise no caminho das consequências dessa mesma modernidade trabalhada por Giddens, mas enfatizando a instabilidade e a insegurança gerada por essa lógica de liberdade individual, além da crescente dificuldade de manutenção dos vínculos diante da procura pela satisfação imediata. Illouz, por outro lado, conduz o debate para outra dimensão, demonstrando que as mudanças sociais são inseparáveis da consolidação do capitalismo, ou seja, reorganiza a experiência amorosa de acordo com princípios de racionalização, desempenho e consumo.

O diálogo entre os três autores permite evidenciar que as transformações nas relações afetivas não podem ser atribuídas somente às redes sociais e às plataformas digitais. À medida que elas se inserem em um processo histórico mais amplo, a criação dos vínculos, bem como as experiências emocionais, são marcadas pela individualização, pela performance, pela flexibilização dos vínculos e pela incorporação de lógicas de mercado. Nesse cenário, as redes sociais não ganham o papel de causa dessas mudanças, mas o de espaço para que esses processos se intensifiquem ainda mais, ganhem mais visibilidade e força, passando a influenciar diretamente no que diz respeito às expectativas sobre o amor, a intimidade e a construção de vínculos.

Dessa maneira, o resultado principal desta pesquisa não se resume apenas em afirmar o enfraquecimento definitivo das relações afetivas, mas em evidenciar que elas vêm sendo profundamente reconfiguradas a partir das condições sociais e, principalmente, digitais, da era contemporânea. Compreender tais transformações quer dizer que é possível reconhecer que o amor continua sendo uma experiência da vida humana, muito embora passe a ser vivido sob novas formas de interação, novos critérios de escolhas e expectativas de realização. Espera-se, por fim, que este trabalho contribua para ampliar os debates sobre as relações afetivas e incentive novas pesquisas capazes de ampliar o entendimento sobre os impactos das tecnologias digitais a respeito da construção dos vínculos nas gerações do agora e das futuras e nos modos de viabilizar construções mais saudáveis no campo dos afetos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

HAN, B.-C. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HAN, B.-C. **Vita Contemplativa: Ou sobre a inatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. E-book (PDF). Disponível em: [https://www.academia.edu/42246244/O Amor nos Tempos do Capitalismo Eva Illouz?auto=download](https://www.academia.edu/42246244/O_Amor_nos_Tempos_do_Capitalismo_Eva_Illouz?auto=download).

Acesso em: 02/04/2026.

SIMMEL, Georg. **Sociologia: estudos sobre as formas de socialização**. Petrópolis: Vozes, 2006.